

DOMINGO XXVII DO TEMPO COMUM

CIC 153-165, 2087-2089: a fé

- 153** Quando Pedro confessa que Jesus é o Cristo, o Filho do Deus vivo, Jesus declara-lhe que esta revelação não lhe veio da carne nem do sangue, mas do seu Pai «que está nos Céus» (Mt 16, 17)¹. A fé é um dom de Deus, uma virtude sobrenatural infundida por Ele. «Para prestar esta adesão da fé, são necessários a prévia e concomitante ajuda da graça divina e os interiores auxílios do Espírito Santo, o qual move e converte o coração para Deus, abre os olhos do entendimento, e dá “a todos a suavidade em aceitar e crer a verdade”»².
- 154** O acto de fé só é possível pela graça e pelos auxílios interiores do Espírito Santo. Mas não é menos verdade que crer é um acto autenticamente humano. Não é contrário nem à liberdade nem à inteligência do homem confiar em Deus e aderir às verdades por Ele reveladas. Mesmo nas relações humanas, não é contrário à nossa própria dignidade acreditar no que outras pessoas nos dizem acerca de si próprias e das suas intenções, e confiar nas suas promessas (como, por exemplo, quando um homem e uma mulher se casam), para assim entrarem em mútua comunhão. Por isso, é ainda menos contrário à nossa dignidade «prestar, pela fé, submissão plena da nossa inteligência e da nossa vontade a Deus revelador»³ e entrar assim em comunhão íntima com Ele.
- 155** Na fé, a inteligência e a vontade humanas cooperam com a graça divina: «*Credere est actus intellectus assentientis veritati divinae ex imperio voluntatis, a Deo motae per gratiam*» – «Crer é o acto da inteligência que presta o seu assentimento à verdade divina, por determinação da vontade, movida pela graça de Deus»⁴.
- 156** O *motivo* de crer não é o facto de as verdades reveladas aparecerem como verdadeiras e inteligíveis à luz da nossa razão natural. Nós cremos «por causa da autoridade do próprio Deus revelador, que não pode enganar-se nem enganar-nos»⁵. «Contudo, para que a homenagem da nossa fé fosse conforme à razão, Deus quis que os auxílios interiores do Espírito Santo fossem acompanhados de provas exteriores da sua Revelação»⁶. Assim, os milagres de Cristo e dos santos⁷, as profecias, a propagação e a santidade da Igreja, a sua fecundidade e estabilidade «são sinais certos da Revelação, adaptados à inteligência de

¹ Cf. Gl 1, 15; Mt 11, 25.

² II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Verbum*, 5: AAS 58 (1966) 819.

³ I CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Filius*, c. 3: DS 3008.

⁴ SÃO TOMÁS DE AQUINO., *Summa theologiae* II-II, q. 2, a. 9, c. Ed. Leon. 8, 37; cf. I CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Filius*, c. 3: DS 3010.

⁵ I CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Filius*, c. 3: DS 3008.

⁶ I CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Filius*, c. 3: DS 3009.

⁷ Cf. Mc 16, 20; Heb 2, 4.

todos»⁸, «motivos de credibilidade», mostrando que o assentimento da fé não é, «de modo algum, um movimento cego do espírito»⁹.

- 157 A fé é *certa*, mais certa que qualquer conhecimento humano, porque se funda na própria Palavra de Deus, que não pode mentir. Sem dúvida, as verdades reveladas podem parecer obscuras à razão e à experiência humanas; mas «a certeza dada pela luz divina é maior do que a dada pela luz da razão natural»¹⁰. «Dez mil dificuldades não fazem uma só dúvida»¹¹.
- 158 «A fé *procura compreender*»¹²: é inerente à fé o desejo do crente de conhecer melhor Aquele em quem acreditou, e de compreender melhor o que Ele revelou; um conhecimento mais profundo exigirá, por sua vez, uma fé maior e cada vez mais abrasada em amor. A graça da fé abre «os olhos do coração» (*Ef* 1, 18) para uma inteligência viva dos conteúdos da Revelação, isto é, do conjunto do desígnio de Deus e dos mistérios da fé, da íntima conexão que os liga entre si e com Cristo, centro do mistério revelado. Ora, para «que a compreensão da Revelação seja cada vez mais profunda, o mesmo Espírito Santo aperfeiçoa sem cessar a fé, mediante os seus dons»¹³. Assim, conforme o dito de Santo Agostinho, «eu creio para compreender e compreendo para crer melhor»¹⁴.
- 159 *Fé e ciência*. «Muito embora a fé esteja acima da razão, nunca pode haver verdadeiro desacordo entre ambas: o mesmo Deus, que revela os mistérios e comunica a fé, também acendeu no espírito humano a luz da razão. E Deus não pode negar-Se a Si próprio, nem a verdade pode jamais contradizer a verdade»¹⁵. «É por isso que a busca metódica, em todos os domínios do saber, se for conduzida de modo verdadeiramente científico e segundo as normas da moral, jamais estará em oposição à fé: as realidades profanas e as da fé encontram a sua origem num só e mesmo Deus. Mais ainda: aquele que se esforça, com perseverança e humildade, por penetrar no segredo das coisas, é como que conduzido pela mão de Deus, que sustenta todos os seres e faz que eles sejam o que são, mesmo que não tenham consciência disso»¹⁶.
- 160 Para ser humana, «a resposta da fé, dada pelo homem a Deus, deve ser voluntária. Por conseguinte, ninguém deve ser constrangido a abraçar a fé contra vontade. Efectivamente, o acto de fé é voluntário por sua própria natureza»¹⁷. «É certo que Deus chama o homem a servi-Lo em espírito e verdade; mas, se é verdade que este apelo obriga o homem em consciência, isso não quer dizer que o constranja [...]. Isto foi evidente, no mais alto grau, em Jesus Cristo»¹⁸. De facto, Cristo convidou à fé e à conversão, mas de modo nenhum constrangeu alguém. «Deu testemunho da verdade, mas não a impôs pela força aos seus

⁸ I CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Filius*, c. 3: DS 3009.

⁹ I CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Filius*, c. 3: DS 3010.

¹⁰ SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae* II-II, q. 171, 5, 3^{um}: Ed. Leon. 10, 373.

¹¹ J. H. NEWMAN, *Apologia pro vita sua*, c. 5, ed. M. J. SVAGLIC, Oxford 1967, p. 210.

¹² SANTO ANSELMO DE CANTUÁRIA, *Proslogion*, Prooemium: *Opera omnia*, ed. F. S. SCHMITT, v. 1, Edinburgo 1946, p. 94.

¹³ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Verbum*, 5: AAS 58 (1966) 819.

¹⁴ SANTO AGOSTINHO, *Sermo* 43, 7, 9: CCL 41, 512 (PL 38, 258).

¹⁵ I CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Filius*, c. 4: DS 3017.

¹⁶ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 36: AAS 58 (1966) 1054.

¹⁷ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decl. *Dignitatis humanae*, 10: AAS 58 (1966) 936; cf. CIC cân. 748 § 2.

¹⁸ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decl. *Dignitatis humanae*, 11: AAS 58 (1966) 936.

contraditores. O seu Reino [...] dilata-se graças ao amor, pelo qual, levantado na cruz, Cristo atrai a Si todos os homens»¹⁹.

- 161** Para obter a salvação é necessário acreditar em Jesus Cristo e n'Aquele que O enviou para nos salvar²⁰. «Porque “sem a fé não é possível agradar a Deus” (*Heb* 11, 6) e chegar a partilhar a condição de filhos seus; ninguém jamais pode justificar-se sem ela e ninguém que não “persevere nela até ao fim” (*Mt* 10, 22; 24, 13) poderá alcançar a vida eterna»²¹.
- 162** A fé é um dom gratuito de Deus ao homem. Mas nós podemos perder este dom inestimável. Paulo adverte Timóteo a respeito dessa possibilidade: «Combate o bom combate, guardando a fé e a boa consciência; por se afastarem desse princípio é que muitos naufragaram na fé» (*1 Tm* 1, 18-19). Para viver, crescer e perseverar até ao fim na fé, temos de a alimentar com a Palavra de Deus; temos de pedir ao Senhor que no-la aumente²²; ela deve «agir pela caridade» (*Gl* 5, 6)²³, ser sustentada pela esperança²⁴ e permanecer enraizada na fé da Igreja.
- 163** A fé faz que saboreemos, como que de antemão, a alegria e a luz da visão beatífica, termo da nossa caminhada nesta Terra. Então veremos Deus «face a face» (*1 Cor* 13, 12), «tal como Ele é» (*1 Jo* 3, 2). A fé, portanto, é já o princípio da vida eterna:
- «Enquanto, desde já, contemplamos os benefícios da fé, como reflexo num espelho, é como se possuíssemos já as maravilhas que a nossa fé nos garante haveremos de gozar um dia»²⁵.
- 164** Por enquanto, porém, «caminhamos pela fé e não vemos claramente» (*2 Cor* 5, 7), e conhecemos Deus «como num espelho, de maneira confusa, [...] imperfeita» (*1 Cor*, 13, 12). Luminosa por parte d'Aquele em quem ela crê, a fé é muitas vezes vivida na obscuridade, e pode ser posta à prova. O mundo em que vivemos parece muitas vezes bem afastado daquilo que a fé nos diz: as experiências do mal e do sofrimento, das injustiças e da morte parecem contradizer a Boa-Nova, podem abalar a fé e tornarem-se, em relação a ela, uma tentação.
- 165** É então que nos devemos voltar para as *testemunhas da fé*: Abraão, que acreditou, «esperando contra toda a esperança» (*Rm* 4, 18); a Virgem Maria que, na «peregrinação da fé»²⁶, foi até à «noite da fé»²⁷, comungando no sofrimento do seu Filho e na noite do seu sepulcro²⁸; e tantas outras testemunhas da fé: «envoltos em tamanha nuvem de testemunhas, devemos desembaraçar-nos de todo o fardo e do pecado que nos cerca, e correr com constância o risco que nos é

¹⁹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decl. *Dignitatis humanae*, 11: AAS 58 (1966) 937.

²⁰ Cf. *Mc* 16, 16; *Jo* 3, 36; 6, 40; etc.

²¹ I CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Filius*, c. 3: DS 3012; cf. CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 6ª, *Decretum de iustificatione*, c. 8: DS 1532.

²² Cf. *Mc* 9, 24; *Lc* 17, 5; 22, 32.

²³ Cf. *Tg* 2, 14-26.

²⁴ Cf. *Rm* 15, 13.

²⁵ SÃO BASÍLIO MAGNO, *Liber de Spiritu Sancto*, 15, 36: SC 17bis, 370 (PG 32, 132); cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Summa Theologiae* II-II, q. 4, a. 1, c: Ed. Leon. 8, 44.

²⁶ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 58: AAS 57 (1965) 61.

²⁷ JOÃO PAULO II, Enc. *Redemptoris Mater*, 17: AAS 79 (1987) 381.

²⁸ JOÃO PAULO II, Enc. *Redemptoris Mater*, 18: AAS 79 (1987) 382-383..

proposto, fixando os olhos no guia da nossa fé, o qual a leva à perfeição» (*Heb* 12, 1-2).

2087 A nossa vida moral tem a sua fonte na fé em Deus, que nos revela o seu amor. São Paulo fala da «obediência da fé»²⁹ como a primeira obrigação. E faz ver, no «desconhecimento de Deus», o princípio e a explicação de todos os desvios morais³⁰. O nosso dever para com Deus é crer n'Ele e dar testemunho d'Ele.

2088 O primeiro mandamento ordena-nos que alimentemos e guardemos com prudência e vigilância a nossa fé, rejeitando tudo quanto a ela se opõe. Pode-se pecar contra a fé de vários modos:

A *dúvida voluntária* em relação à fé negligencia ou recusa ter por verdadeiro o que Deus revelou e a Igreja nos propõe para crer. A *dúvida involuntária* é a hesitação em crer, a dificuldade em superar as objecções relacionadas com a fé, ou ainda a angústia suscitada pela sua obscuridade. Quando deliberadamente cultivada, a dúvida pode levar à cegueira do espírito.

2089 A *incredulidade* é o desprezo da verdade revelada ou a recusa voluntária de lhe prestar assentimento. A *heresia* é a negação pertinaz, depois de recebido o Baptismo, de alguma verdade que se deve crer com fé divina e católica, ou ainda a dúvida pertinaz acerca da mesma; *apostasia* é o repúdio total da fé cristã; *cisma* é a recusa da sujeição ao Sumo Pontífice ou da comunhão com os membros da Igreja que lhe estão sujeitos»³¹.

CIC 84: o depósito da fé confiado à Igreja

84 O *depósito da fé*³² («*depositum fidei*»), contido na Tradição sagrada e na Sagrada Escritura, foi confiado pelos Apóstolos ao conjunto da Igreja. «Apoiando-se nele, todo o povo santo persevera unido aos seus pastores na doutrina dos Apóstolos e na comunhão, na fracção do pão e na oração, de tal modo que, na conservação, actuação e profissão da fé transmitida, haja uma especial concordância dos pastores e dos fiéis»³³.

CIC 91-93: o sentido sobrenatural da fé

91 Todos os fiéis participam na compreensão e na transmissão da verdade revelada. Todos receberam a unção do Espírito Santo que os instrui³⁴ e os conduz «à verdade total» (*Jo* 16, 13).

92 «A totalidade dos fiéis [...] não pode enganar-se na fé e manifesta esta sua propriedade peculiar por meio do sentir sobrenatural da fé do povo todo,

²⁹ Cf. *Rm* 1, 5; 16, 26.

³⁰ Cf. *Rm* 1, 18-32.

³¹ CIC can. 751.

³² Cf. *1 Tm* 6, 20; *2 Tm* 1, 12-14.

³³ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Verbum*, 10: AAS 58 (1966) 822.

³⁴ Cf. *1 Jo* 2, 20. 27.

quando, “desde os bispos até ao último dos fiéis leigos”, exprime consenso universal em matéria de fé e costumes»³⁵.

- 93** «Com este sentido da fé, que se desperta e sustenta pela acção do Espírito de verdade, o povo de Deus, sob a direcção do sagrado Magistério [...] adere indefectivelmente à fé, uma vez por todas confiada aos santos; penetra-a mais profundamente com juízo acertado e aplica-a mais totalmente na vida»³⁶.

³⁵ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 12: AAS 57 (1965) 16.

³⁶ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 12: AAS 57 (1965) 16.